

Jornal O Cola

(RE)COMEÇAR



Carolina Gomes

EDIÇÃO Nº3
SETEMBRO



Título Original: (Re)começar

© 2021, Jornal O Cola

3ª Edição (Jornal O Cola) Setembro 2021

Capa: Carolina Gomes

Setembro é, tanto para nós enquanto equipa, como para nós enquanto estudantes um mês importantíssimo.

É em Setembro que o sangue académico se renova, que uma nova fornada de novos estudantes vem cumprir o seu sonho e dar entrada naquela que promete ser a grande aventura da sua vida. É o início de novas amizades, de novas vidas e de novas histórias. Setembro é, para o mundo académico, o que a primavera é para o mundo: o início de um novo florescer.

É também em Setembro que, de uma forma ou outra, reconhecemos o significado que setembro tem para os movimentos pela saúde mental e pela prevenção ao suicídio, não fosse Setembro o mês do movimento Setembro amarelo.

É, acima de tudo, esta a razão pela qual nos decidimos a, enquanto equipa, a honrar e a celebrar o movimento que toma o nome deste mês, através de uma edição dedicada a setembro amarelo e outras questões humanas, com ênfase para os direitos humanos.

Gostaríamos de começar por agradecer a todos os autores que tão prontamente estiveram em colaboração connosco, e que nos permitirão ter a mais recheada edição desde que começámos o nosso projeto. É o esforço e a confiança dos autores que faz do Cola aquilo que agora é e é a todos vós que devemos a possibilidade de existir.

Abordamos também a primavera que Setembro trouxe ao Cola. As eleições que realizamos internamente foram necessárias para que pudéssemos cumprir o compromisso que temos com a nossa comunidade. No cumprimento dos nossos estatutos, mudamos a nossa equipa, da direção ao mais corriqueiro dos nossos postos. Assim, com uma nova cara à frente do projeto, começa também uma nova fase mais ativa e irreverente do Cola, liderado por alguém cujas ideias se têm tornado o sangue que dá vida a todos nós.

Devemos também imensos agradecimentos a quem, dentro da nossa equipa, organizou e realizou todos os esforços necessários para que chegássemos a setembro repletos de novo sangue. A todos cujos esforços estiveram envolvidos no Open Call, o Cola deve-vos um imenso agradecimento. Um agradecimento a todos os que conseguiram e colaboraram na construção, edição e revisão desta que foi a nossa edição mais variada e com mais qualidade.

Aos restantes, desejamos que Setembro Amarelo vos seja feliz, que possam florescer.

Lembramos que o Cola estará cá sempre que necessitem e que dispomos de todos os contactos aptos a serem partilhados caso necessitem de ajuda.

A Equipa d'Edital do Jornal O Cola

“13 Reasons Why” e Setembro Amarelo:

“Olá, sou a Hannah. Hannah Baker (...) Faz um lanche, põe-te confortável, porque vou contar-te a história da minha vida.” (T1: E1 – Cassete 1, Lado A).

É assim que Hannah Baker, protagonista da série “13 Reasons Why” (“Os 13 Porquês”), interpretada por Katherine Langford, começa o seu primeiro de muitos monólogos onde explica o seu suicídio. Uma série atualmente com quatro temporadas, aborda assuntos polémicos que afetam muito os jovens, como: depressão, *bullying*, isolamento, abuso sexual e suicídio.

Sem pedir ajuda de forma clara, Hannah grava sete fitas, frente e verso, e faz com que cheguem àqueles que a mesma responsabiliza pela situação.

Estes temas, diretamente relacionados com o Setembro Amarelo¹, são de extrema relevância, tendo em conta que, segundo dados da OMS (Organização Mundial de Saúde) de 2016², o suicídio é a segunda principal causa de morte entre os jovens com idades entre 15 e 29 anos, totalizando cerca de 800 mil mortes por suicídio todos os anos.

Mais do que suicídio, “13 Reasons Why” fala da importância da necessidade de ser ouvido. Hannah deseja mostrar aos seus colegas os traumas que lhe foram causados, mas também quer que todos ouçam o seu lado da história.

Talvez por medo e vergonha, Hannah acaba por não conversar com ninguém da sua família, ciclo de amigos e não procura ajuda profissional. O problema desta adolescente começa, quando a mesma desvaloriza os seus sentimentos e adota uma postura em que considera os motivos do seu suicídio insuficientes, como comumente ocorre.

As gravações parecem ser a forma final que Hannah Baker vê para quebrar a invisibilidade que a sufoca, chamando a atenção de todos para o seu sofrimento.

Para a estudante, este foi o fim, mas segundo dados da OMS, em 90% dos casos de depressão, é possível prevenir o suicídio.

É importante, independentemente da idade, pedir ajuda profissional caso sintam algum sintoma depressivo. Lembrem-se de que não são menos por pedir ajuda e que só vai contribuir para o vosso bem-estar.

Caso estejas com algum sintoma depressivo, de isolamento ou de ansiedade, ou conheças alguém que apresente algum dos sintomas, por favor, contacta a SOS Voz Amiga (213 544 545), ou fala com alguém próximo e de confiança.

Patrício

¹ O Setembro Amarelo é uma campanha de prevenção e combate ao suicídio que decorre durante todo o mês de Setembro. É também neste mês que se celebra o dia mundial da prevenção do suicídio, no dia 10, e o Dia Nacional do Psicólogo, no dia 4.

² Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>

“Pão Com Fiambre” – Um Murro No Estômago Com Cheiro A Pastilhas De Mentol

Publicado em 1982, “Pão com Fiambre”, de Charles Bukowski (1920-1994), tem um título peculiar e adequado ao estilo marginal e pragmático deste genial monstro literário.

Ao longo de 58 capítulos curtos que conferem um ritmo arrebatador à obra vão sendo narradas a infância e adolescência erráticas de Henry Chinaski, um jovem americano nascido e criado nos EUA na década de 30. O nosso anti-herói evolui de uma criança inocente para um jovem adulto problemático e alcoólico que desde cedo conheceu a mais pura e dura decadência.

Henry é alguém que está perdido na vida. Vê-se, ao longo de toda a obra, que não se consegue integrar na sociedade decadente à sua volta. Nem pais, nem amigos, nem amores. Nada. Um facto curioso sobre o nosso personagem é o de que ele, a certa altura, procura na literatura uma fuga e começar a escrever. Apesar de, felizmente, a minha vida ser *bem* diferente, acabei por me identificar neste ponto.

Há já muito tempo que tinha ouvido falar de Bukowski. Ora por amigos, ora pelas redes sociais, e já estava à espera de um escritor diferente do habitual. Tem um estilo extremamente coloquial e cru, obsceno por vezes. Cada parágrafo, quer pelo conteúdo quer pela forma, é um murro no estômago, um “abre-olhos”.

Para mim, quer Henry quer Charles, indissociáveis, cheiram a pastilhas de mentol. Isto tem uma explicação. No dia em que comprei o livro, numa sexta-feira ao fim da tarde, comprei também uma caixa de pastilhas Trident de mentol e tinha-a deixado na mochila. Assim que o tirei da mochila e o folheei no metro, logo depois de o comprar, senti o cheiro fresco das pastilhas. E não só nessa altura, mas durante todo o fim-de-semana em que o devorei. Para além disso, houve alguma coisa na própria personagem e na figura do Charles que me fizeram associar os dois cavalheiros a um cheiro fresco a mentol, mas também a álcool barato.

Sem mais a dizer sem ser isto: Charles Bukowski, até a tua lista de compras quero ler. Estou rendido.

Pedro Sousa

Mental Health matters!

Uma lista de séries para veres e não te sentires sozinho:

A saúde mental sempre existiu, não é uma coisa nova, mas só agora é começou a receber alguma atenção: acabando com estigmas, aumentando a (boa) representação e mais celebridades a falar dos seus próprios problemas contribuem para a destigmatização dos problemas mentais. Claro que, nada poderá ser feito sem a contribuição do Estado para tornar o acesso a especialistas mais fácil e acessível, contudo é um passo à frente daquilo que se tinha há nos atrás.

Apesar desta evolução, a saúde mental ainda é tabu há quem sinta vergonha dos seus problemas mesmo que não os possa controlar. É um problema e não devemos ficar de braços cruzados. Na era das redes sociais e dos serviços de *streaming*, é cada vez mais importante representar com alguma precisão as lutas internas que cada pessoa pode estar a passar. Como diz Cassam Looch no seu artigo *Raising Mental Health Awareness Through Films and TV Shows*, “ The representation of mental health on screen has been the source of great conversation in recent years. Films and TV shows rarely shy away from the subject, but how characters suffering from depression, anxiety and other disorders are represented is coming under greater scrutiny.”, ou seja, não é suficiente que haja representação, é **necessário** que haja **boa** representação.

Adicionalmente, no mesmo artigo, Looch discute a problemática da discussão e como Hollywood usa a saúde mental como um mecanismo de enredo ou para ganhar votos em cerimónias de prémios o filme *Simple Jack* é mencionado, sendo que, crítica este ato.

Com tudo isto dito, é possível concordar que Hollywood tem a possibilidade de fazer o certo e retratar problemas mentais de uma forma positiva em prol de uma discussão aberta.

Algumas séries já tomaram essa iniciativa e, por isso, aqui vão as nossas sugestões:

1. Shameless³

Shameless é uma série norte-americana que segue a vida uma família, os Gallagher, enquanto enfrentam os desafios da vida, em Chicago. Começou em 2011 e contou com 11 temporadas, acabando agora em 2021.

A série trata de vários assuntos como: a toxicod dependência, o alcoolismo,



³ ([Shameless Us Trailer! - YouTube](#))

bullying, traumas, entre outros. Uma das personagens principais, Ian Gallagher – tal como a sua mãe, Monica – sofre de Transtorno Bipolar. A série televisiva teve várias críticas positivas sobre a maneira como retratava a doença mental. Pois não limitam a personagem aos seus problemas internos, é uma particularidade, mas não é o que o define; Ian é forte e determinado, e é caracterizado como o mais amável da família.

2. Spinning Out:⁴



Spinning Out de 2017 conta com a participação de Kaya Scodelario, que também participou em *Skins* (que não está na lista por ser famoso pela sua forma prejudicial de retratar assuntos sérios). A personagem de Kaya, Katherine Baker, sofre com Transtorno Bipolar e isso impõe desafios na sua vida, nomeadamente na sua vida profissional enquanto patinadora no gelo. Tem apenas uma temporada com 10 episódios e cada episódio é melhor que o outro, conta com a performance fantástica de Kaya que cresceu muito desde *Skins*.

3. Bojack Horseman⁵



⁴ ([Spinning Out | Official Trailer | Netflix - YouTube](#))

⁵ ([BoJack Horseman | Official Trailer \[HD\] | Netflix - YouTube](#))

Bojack Horseman é uma série de desenhos animados de 2017 que segue a vida de uma estrela de Hollywood, Bojack, um alcoólico deprimido. Como *Shameless*, também recebeu aclamação da crítica pela forma como retrata tais assuntos. Apesar de ser uma animação, não deixa de falar de assuntos sérios com uma certa pontualidade. As drogas e o álcool estão constantemente presentes, tal como os comportamentos impulsivos de Bojack e a forma como isso o afeta e às pessoas à sua volta. É uma série que, apesar de usar animais como numa fábula, é capaz de agarrar o espectador e fazê-lo gostar das personagens como se fossem pessoas reais, simplesmente pela escrita incrível.

4. After Life⁶



After Life é uma minissérie da Netflix que segue a vida de Tony após a morte da esposa, enfrentando depressão e pensamentos suicidas. Ao mesmo tempo que é confrontado com o dilema de se querer matar, mas não poder, continua a sua vida de jornalista enquanto trata toda a gente à sua volta como quiser.

Conta com a participação de Ricky Gervais no papel principal, o famoso comediante resulta como uma grande dicotomia entre alguém feliz que conta piada e alguém taciturno, ou uma brilhante metáfora para um aprofundamento de carácter – alguém que pode ser feliz por fora e miserável por dentro.

4. One Day at a Time



⁶ ([After Life | Official Trailer \[HD\] | Netflix - YouTube](#))

One Day at a Time é um sitcom americano baseado na série de 1975 com o mesmo nome. Segue uma família de emigrantes cubanos e discute temas como a imigração, o racismo, trauma, sexismo e homofobia. A mãe, Penelope Alvarez, é uma veterana de guerra e sofre com Transtorno de Stress Pós-Traumático, ao mesmo tempo que balança a sua vida como mãe e enfermeira. É uma série de comédia, mas consegue ser séria e certa.

Em conclusão, é verdade que caminhamos em direção a um futuro mais aceitador e compreensivo, contudo, existem muitas mudanças a serem feitas em relação à forma como a saúde mental é abordada. A arte é uma forma de canalizar emoções e sentimentos, portanto, a mudança de atitude da televisão em relação a este tópico é uma ajuda pois continua a ter influência na construção da mentalidade da juventude.

Max



The Uninvited (2009) – Nada é o que parece.

Se há um dos vários géneros cinematográficos capazes de representar na perfeição o verdadeiro horror que é sofrer de uma doença do foro mental, este será provavelmente o género do Terror. Aliás, temos presente no mundo do cinema grandes exemplos que comprovam esta afirmação: *Black Swan* (2010), ou se preferirem, a versão original japonesa, *Perfect Blue* (1997); *Psycho* (1960) do mítico Alfred Hitchcock; *Silence of the Lambs* (1991); *The Babadook* (2014) e, ainda mais recente, *Split*, lançado em 2017, que aborda exemplarmente o Transtorno Dissociativo de Identidade.

Por isso, em honra da campanha “Setembro Amarelo”, que consciencializa para a prevenção do suicídio e, conseqüentemente, para a visibilidade e importância da saúde mental, trago-vos uma longa-metragem que, através de inesperados *twists and turns*, explora este mesmo tema: *The Uninvited*.

O filme *The Uninvited* (2009), realizado pelos Guard Brothers e pertencente à Dreamworks Pictures, conta-nos a história de Anna (Emily Browning) que, depois de assistir à morte da mãe num incêndio trágico, é internada num hospício por tentativa de suicídio. Após dez longos meses, Anna regressa finalmente a casa. Sendo recebida pelo seu pai, Steven (David Strathairn), a protagonista rapidamente descobre que este está num relacionamento com Rachel (Elizabeth Banks), a enfermeira responsável por cuidar da mãe adoentada até à data da sua morte. Completamente transtornada com a situação, a jovem apoia-se na sua irmã Alex (Arielle Kebbel), porém, esta ajuda deixa de lhe ser benéfica.

Ao longo da ação, Alex desempenha o papel típico do pequeno diabo nos ombros de Anna, tentando convencê-la de que a morte da mãe não foi acidental e de que Rachel está por detrás do incêndio. Isto desencadeia sonhos perturbadores e alucinações bizarras em Anna que parecem comprovar cada vez mais a teoria inventada por Alex. Além disto, todo o diálogo proferido pela antiga enfermeira é propositadamente ambíguo. Logo, Anna ouve o que a sua cabeça prefere ouvir de forma a alimentar a psicose de que sofre, demonstrando a sua ainda frágil saúde mental.

Sem querer dar-vos *spoilers* cruciais, principalmente sobre o clímax do enredo – com o intuito de que realmente tenham curiosidade em ver o filme –, digo-vos apenas uma coisa: **nada é o que parece.**

O que observamos durante toda a ação, observamos diretamente a partir dos olhos e do julgamento de Anna e, como audiência, deixamo-nos ser influenciados, para que, no final, nos apercebamos de que a protagonista não é confiável. Resumindo, Anna vê o que lá não está.

As alucinações sensoriais que Anna experiênciava do início ao fim de *The Uninvited* são sintomas comuns na maioria das perturbações mentais como, por exemplo, na Esquizofrenia e na Perturbação Obsessiva-Compulsiva. Embora não possamos diagnosticar a personagem com um destes transtornos (a não ser que sejamos profissionais na área), conseguimos compreender e igualmente sentir o choque,

sofrimento e desespero de Anna, e de muitos outros que, infelizmente, passam pelo mesmo, ao descobrir que aquilo que está perante dela, que a assusta e que fá-la temer pela sua vida e pela vida dos seus, é apenas fruto da sua imaginação.

Esta é a razão pela qual decidi eleger esta longa-metragem para o mês de “Setembro Amarelo”, não só porque fala de saúde mental, como também traz à luz da câmara os sintomas mais estigmatizados da mesma, como as alucinações e a realidade distorcida em que Anna vive. Enquanto muitos filmes decidem focar-se em temas relacionados com a depressão e a ansiedade, já um pouco mais aceites na sociedade atual, *The Uninvited* faz exatamente o contrário, focando-se naqueles que continuam esquecidos e afogados no estigma que os assombra.

Sofia Lopes

Referências:

- Ap, and Stephen Farber. "Film Review: The Uninvited." The Hollywood Reporter. January 27, 2011. Consultado a 13 de Setembro de 2021. <https://www.hollywoodreporter.com/movies/movie-reviews/film-review-uninvited-92822/>.
- Guard, Charles and Thomas Guard, directors. *The Uninvited*. Dreamworks Pictures, 2009. 1hr., 27 min.
- "The Uninvited". IMDb. Consultado a 13 de Setembro de 2021. https://www.imdb.com/title/tt0815245/?ref=nm_sr_srsrg_0
- "The Uninvited". Rotten Tomatoes. Consultado a 13 de Setembro de 2021. https://www.rottentomatoes.com/m/uninvited_2009.
- "Two Bickering Sisters, A Stepmom And An Ominous Garbage Can". 2009. Nytimes.com. Consultado a 13 de Setembro de 2021. <https://www.nytimes.com/2009/01/30/movies/30unin.html>.

Byronic Heroes in Jane Eyre and The Madwoman Upstairs

Abstract:

The concept of Byronic Hero was first developed around the literary Romantic period as a type of hero. Even though it was named after Lord Byron due both to the characters he created and his persona, this type of hero can also be found in post-Byron literary periods.

Having this in mind, it is no surprise Lord Byron had such an influence on Victorian literature. Some authors created their characters—mostly their male characters—in a way that transmitted their vision of this character archetype and Lord Byron himself. Such is the case with Heathcliff from *Wuthering Heights* by Emily Brontë and Mr Rochester from *Jane Eyre* by Charlotte Brontë. In the latter, we find the typical Gothic Villain—Mr Rochester—entwined with the Byronic hero, which is a whole archetype on its own, defended by Peter Thorslev in “*The Byronic Hero: Types and Prototypes*”. This idea was furthered, later on, by Harold Bloom in “*Charlotte Brontë’s Jane Eyre*” and by Natka Jankova in “*The Byronic Hero and His Gothic Metamorphoses in Victorian Fiction*”.

The Byronic hero is someone with a sinful and terrible past who falls outside of society’s expectations. The characteristics belonging to this archetype can be seen in Mr Rochester, and also in 21st century literature with James Orville from *The Madwoman Upstairs* by Catherine Lowell: from their romantic-sexual affairs to their physical features and psychological traits. Even if the latter is developed in a completely different way than the former for Lowell creates Orville as a contemporary mirror of Brontë’s Rochester, instead of creating him in Byron’s light.

Thus, these theoretical works on the Byronic hero will be my stepping stones to firstly explain the archetype and, then, moving towards analysing how Mr Rochester and James Orville fit in its characteristics. Lastly, I will be comparing Brontë’s male protagonist to his 21st century mirror, James Orville.

I. Introducing the Byronic Hero

It is fair to say that the English tradition of the Byronic hero firstly developed with Lord Byron whose influence moved through literary movements, even after his death, not only because of his works and characters, but also because of his own life—e.g., his affairs and his *Don Juan* type of lifestyle.

With this in mind, it is important that we focus on the characteristics of a specific type of Byronic hero: The Gothic Villain. Thorslev said this archetype can be firstly found in Ann Radcliffe’s works—e.g. *The Mysteries of Udolpho* and *The Italian*—where we find male characters with specific characteristics. Characters who know the moral codes of the society represented in the novels but acknowledge that they break them. Men who are always physically striking—e.g., dark hair, manly and tall, with their eyes being their most striking feature—, but also psychologically complex—e.g., intelligent, cunning, ruthless, manipulative, arrogant. Their main characteristic is, however, mystery in both

their persona and their actions, but also the mark their past sins left in them. Finally, Thorslev concludes that these heroes can redeem themselves from their sinful pasts:

« These heroes be came true Romantic rebels: remorseful, perhaps, but largely under the judgment of their own consciences - and defiance toward traditional social codes and morals and toward orthodox theology be comes their dominant characteristic. »⁷

II. Charlotte Brontë's Byronic Hero: Mr Rochester

Charlotte Brontë's vision of the Byronic Hero was different in a certain degree. Bloom says that Byron was like a literary father to Brontë, even if with a bit of eroticism: "*Byron is both the literary father to a strong daughter, and the idealized object of her erotic drive.*"⁸

Mr Rochester's first appearance in Brontë's novel is surrounded by mystery with the foggy and rainy road where he encounters Jane Eyre, who does not know yet that the man is her boss. And it is not like he introduces himself as a good English gentleman would do. This encounter between them gives the reader a physical description through Jane's perspective, since it is a first-person narration [even if the narrator is the future Jane who is already married to Mr Rochester]: "*He had a dark face, with stern features and a heavy brow; his eyes and gathered eyebrows looked ireful and thwarted just now; he was past youth, but had not reached middle age; perhaps he might be thirty-five.*"⁹ A description that shows not only his dark physical features like a Byronic hero, but also his propensity to anger, which we see a lot of further in the novel—e.g., when Jane discovers that he is already married and has a normal and expected reaction and, Mr Rochester threatens to hurt her. All of this fits the description of the Byronic hero, what does not fit the archetype is the fact that Mr Rochester is indeed ugly and not at all handsome like it is expected of a Byronic hero: "*Had he been a handsome, heroic-looking young gentleman, I should not have dared to stand thus questioning him against his will, and offering my services unasked.*"¹⁰

Another key point to remember is the fact that Byronic heroes have a sinful past, especially when it comes to terms of sexual and love affairs. Despite Mr Rochester not being a typical seducer—like Byron himself—, he had three affairs that we know of: Céline Varens which resulted in Adèle—Céline's daughter—being Mr Rochester's ward; and her two successors: Giacinta and Clara, the first is described as violent by Mr Rochester—like his own wife, Bertha Mason—and, the latter who he describes as being mindless—making us go back to the moment when he called Jane Eyre dumb a few chapters earlier. The difference between Mr Rochester and Byron, like Jankova points

7 "IV. The Gothic Villain." *The Byronic Hero: Types and Prototypes*, by Peter L. Thorslev, University of Minnesota Press, 1962, p. 61.

8 "Introduction." *Charlotte Brontë's Jane Eyre*, by Harold Bloom, Chelsea House Publishers, 2007, p. 3.

9 "Chapter 12." *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë, Vintage, 2015, pp. 160–161.

10 "Chapter 12." *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë, Vintage, 2015, p. 161.

out, is that Rochester is completely heterosexual while Byron had homoerotic tendencies: “So the main difference between Byron and Charlotte is that Byron had some homosexuality flirts, unlike Rochester who is strictly heterosexual.”¹¹.

Furthermore, this male protagonist is very manipulative which can be seen when Jane is telling him about seeing a feminine figure wandering around Thornfield that scared her. She asks him who this woman is and, Mr Rochester makes it out to be Jane’s avid imagination — “*The creature of an over-stimulated brain; that is certain. I must be careful of you, my treasure: nerves like yours were not made for rough handling.*”¹². However, further in the novel, it is revealed that the figure Jane saw is actually Bertha and Rochester is trying to hide this from her, basically gaslighting Jane into marrying him.

Finally, Jane forgives Rochester for all he has done, and his sins are forgiven as he is crippled and blind by the end of the novel. It is as if Charlotte Brontë is also forgiving both her character and Byron himself for their sinful and Byronic pasts, as it is suggested in one of her letters to W.S. Williams [August 14, 1848]:

« Mr. Rochester has a thoughtful nature and a very feeling heart; he is neither selfish nor self-indulgent; he is ill-educated, mis-guided, errs, when he does err, through rashness and inexperience: he lives for a time as too many other men live—but being radically better than most men he does not like that degraded life, and is never happy in it. He is taught the severe lessons of Experience and has sense to learn wisdom from them—years improve him—the effervescence of youth foamed away, what is really good in him still remains—his nature is like wine of a good vintage, time cannot sour—but only mellows him. Such at least was the character I meant to pourtray. »¹³

III. The Modern Byronic Hero: James Orville

Like I said before, while Mr Rochester was created in the light of Lord Byron, James Orville was created as a modern version of every single Brontë male protagonist—from Heathcliff to Rochester—, having, however, more similarities with Rochester.

Orville is arrogant. However, this arrogance derives from the fact that he possesses a terrifying intelligence, almost like a prodigy, since he is the youngest tenured faculty member at Oxford in over one hundred years. Moreover, he fits the Byronic physical features: tall, dark hair and handsome, but not overtly handsome, in a sense that human beings are imperfect: “*By itself, his face wasn’t terribly handsome—there were crooks in strange places, and his eyebrows were much too large.*”¹⁴.

Throughout the novel, we see various moments when Orville’s temper gets out of hand with anger outbursts and displays of cruelty, even if these are not as serious as the temperamental issues showed by Mr Rochester. At Sir John Booker’s speech—which

11 Jankova, Natka. “Chapter 1.” *The Byronic Hero and His Gothic Metamorphoses in Victorian Fiction*, LAP LAMBERT Academic Publishing, 2017, pp. 11–12.

12 “Chapter 25.” *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë, Vintage, 2015, p. 407.

13 Smith, Margaret, editor. “73. To W.S. Williams, 14 August 1848.” *Selected Letters*, by Charlotte Brontë, Oxford University Press, 2010, pp. 116–117.

14 “Chapter 6.” *The Madwoman Upstairs: A Novel*, by Catherine Lowell, Touchstone, 2016, p. 103.

Samantha also happens to attend—we see James getting angry because Sir John’s obsession over the Brontë family is what drove to the divorce of his parents [*“I glanced at Orville for an explanation, but to my surprise, he looked livid.”*¹⁵]*—*even if we do not know at this point that Sir John is James’ father. Later on, when Samantha finds out about the parental relationship between these two and they discuss *The Tenant of Wildfell Hall* and authorial intent, we see another outburst from Orville, but this time it is due to his father treating him like a student, when he is no longer one—*“Orville seemed very close to losing his temper, which fascinated me.”*¹⁶ When Samantha declares her feelings for him, instead of receiving a romantic gesture from James, she receives anger and cruelty from him as he blames her as the reason he has to leave Oxford solely due to his feelings for her: *“He looked irritated. “Do you think this is easy for me?” he said. “I am leaving for Ireland so I can escape you. Don’t look at me like that—I’m sure you know it’s true. I refuse to be tempted against my better judgment, and it is not right for you to believe that as a student you are a source of temptation.”*¹⁷

Samantha questions throughout the novel how many women Orville has pinning for him—*“I wondered what the women in his life thought of that.”*¹⁸—and, like a tribute to Byron’s lifestyle, we know of at least one affair Orville has had. One would think that affairs in the 21st century would not be as scandalous as they were in Byron’s time or, even, in Brontë’s time. That is not the case here for what makes this affair scandalous is the fact that one party is an Oxford don—James—and the other is a student—Abby—, even if their relationship only evolved to the romantic level after their relationship was no longer one of tutor-student and, after she had graduated.

All of these Byronic characteristics can be found in James Orville, even if they are superficial and never truly developed due to the fact that Lowell is writing him as a mirror of Brontë’s protagonist and not solely as a Byronic hero.

IV. Conclusion

Brontë and Lowell’s male protagonists are indeed mirrors of each other. Both had a terrible, even if privileged—academically and financially—, past filled with bad fortune, for instance: the family fallouts—Mr Rochester’s marriage and Orville’s relationship with his father—; and the affairs that impacted their life in the present—Rochester taking Adèle as his ward and Orville’s reputation with his fellow faculty members, to the point he lost privileges—e.g., eating in the hall.

Moreover, their current relationships power dynamics deserve an honourable mention: Jane is under Rochester’s employment, while Orville is Samantha’s tutor. Therefore both men are in dominant positions compared to their significant other, which is only heightened by the age difference between them, even if Orville and Samantha’s is not such a big age gap as the twenty-two years between Jane and Rochester. At one point, in *The Madwoman Upstairs*, James and Samantha compare themselves to Jane and

15 “Chapter 7.” *The Madwoman Upstairs: A Novel*, by Catherine Lowell, Touchstone, 2016, p. 117.

16 “Chapter 14.” *The Madwoman Upstairs: A Novel*, by Catherine Lowell, Touchstone, 2016, p. 283.

17 “Chapter 16.” *The Madwoman Upstairs: A Novel*, by Catherine Lowell, Touchstone, 2016, p. 335.

18 “Chapter 2.” *The Madwoman Upstairs: A Novel*, by Catherine Lowell, Touchstone, 2016, p. 29.

Rochester, and how the women—Sam and Jane—are afraid of Orville and Rochester, respectively:

“I think Rochester is an ass.”

He let out a half laugh, half grunt. “You dislike everything that threatens you.”

“He’s a forty-year-old married man who preys on a governess of eighteen.”

(...)

Orville had it right the first time: I was scared shitless of him.¹⁹

All things considered, we can assume these two characters would have made Lord Byron somewhat proud of their *Don Juan* lifestyles.

Mara Lisa Vaz

Bibliography:

Brontë, Charlotte. *Jane Eyre*. Vintage, 2015.

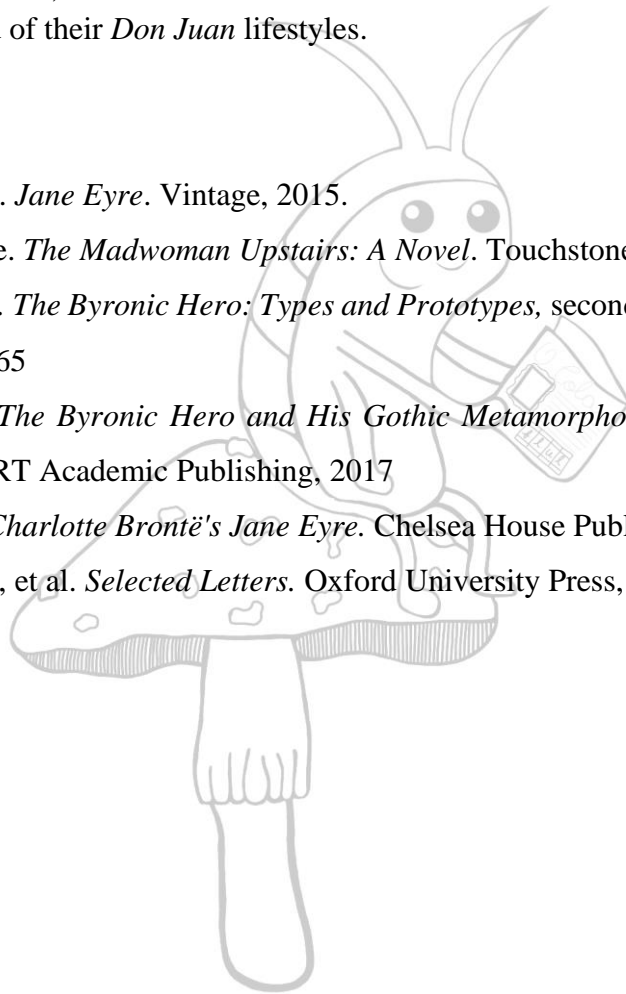
Lowell, Catherine. *The Madwoman Upstairs: A Novel*. Touchstone, 2016.

Thorslev, Peter L. *The Byronic Hero: Types and Prototypes*, second ed., University of Minnesota Press, 1965

Jankova, Natka. *The Byronic Hero and His Gothic Metamorphoses in Victorian Fiction*, LAP LAMBERT Academic Publishing, 2017

Bloom, Harold. *Charlotte Brontë's Jane Eyre*. Chelsea House Publishers, 2007.

Brontë, Charlotte, et al. *Selected Letters*. Oxford University Press, 2010.



¹⁹ “Chapter 12.” *The Madwoman Upstairs: A Novel*, by Catherine Lowell, Touchstone, 2016, pp. 215—216.

A Ditadura da Propina: Class Warfare

Com a popularização do *American Dream*, o olvido da luta de classe representava uma inevitabilidade para massas concorrentes ao ensino superior. Absortas na preocupação com a sua subsistência, estas perdem qualquer dote de extrospeção no âmbito dos mecanismos em que navegam.

A propina, popularmente conhecida como o ingresso necessário para o acesso ao ensino superior, é ultimamente um mecanismo de segregação socioeconómica.

Num presente em que a proposta da Propina 0 surge como uma das melhores vias para a garantia da igualdade no acesso tanto a oportunidade, como ao ensino superior, é encontrada uma anormal resistência a uma potencialidade que beneficiaria a comunidade académica na sua generalidade.

Ora, tal resistência não aparenta ser concebida pela própria comunidade estudantil (pelo menos não pela maioria dos seus integrantes), mas pelas figuras e órgãos no topo da cadeia socioeconómica e política. A universalidade do ensino e do seu acesso não consta como uma prioridade, ou imperativo, para esta “elite”, já que a sua conceção de ensino consiste num mecanismo de proteção de classe e controle das massas, e não num fator demográfico que contribuiria para a melhoria generalizada da qualidade de vida.

As propinas, enquanto propostas de um meio necessário para o ingresso no ensino e para o asseguramento de um serviço de qualidade para os que o frequentam, poderiam ser integradas no Estado Social com relativa celeridade, caso a disponibilidade para discussão existisse. No entanto, as propinas no *status quo*, associadas ao ingresso por média escolar e as limitadas vagas por curso, constituem um imediato escoamento de uma porção de alunos menos capazes financeiramente para futuros menos preenchidos academicamente.

Dever-se-á clarificar, então, as condições em que a propina existe e as narrativas e defesas que lhes provêm.

Eis que surge o argumento meritocrático e a primeira contradição da propina: “Só os mais qualificados deverão ter acesso ao respetivo curso a que pretendem atender.” – O mesmo não se verifica no ensino privado. O ensino superior privado consiste no flagrante epítome da manipulação das normas socialmente generalizadas, por parte dos estratos socioeconómicos superiores. É comum o ingresso de futuros universitários em cursos ministrados por institutos privados com médias de entrada substancialmente inferiores às do seu equivalente público – tal é a desconstrução da retórica meritocrática e da necessidade de excelência académica dos futuros profissionais. A meritocracia no ensino não existe. A incoerência tanto se acentua, que mesmo um dos cursos mais reputados e exigentes a nível da média de entrada, o curso superior de Medicina, viu-se introduzido no ensino privado no presente ano letivo de 2021/2022 pela mísera quantia de 100 000

euros – é de notar a significativa discrepância entre a nota média de entrada no público (entre 18,32 e 18,98 valores²⁰) e a nota mais baixa de entrada no privado (17,4 valores²¹).

Surge o segundo argumento e o seguinte mito: “A propina assegura a qualidade do ensino.”. A propina não assegura necessariamente a qualidade do ensino prestado, nem nenhum custo diretamente aplicado ao consumidor beneficia necessariamente o consumidor. A propina, em si, representa um custo ao consumidor com a potencialidade de ser colmatado pela ação social. Independentemente da origem do financiamento, se este for sustentavelmente assegurado, qualquer serviço será executado sem obstrução. A questão resume-se apenas à fonte do subsídio e não à sua existência. Definida a não correlação entre a propina e qualidade de ensino, é premente a contínua indagação sobre a genuidade e validade da propina e sua lógica: é permitida a frequência das aulas por indivíduos não inscritos, então o que é a propina, senão o ingresso para o processo de avaliação e qual será o seu verdadeiro intuito?

Muitos paralelos entre demais âmbitos da ação social são tentados estabelecer contra a apologia do fim da propina: a eventual má gestão do Sistema Nacional de Saúde ou de um órgão desprivatizado e afins. No entanto, tais argumentos representam meros desvios da temática central, o fim da propina, e não da sua hipotética medíocre realização.

Chegamos, então, à dimensão moral da discussão: É correto pagar por educação superior? – Depende da conceção de "educação" de cada um. Se esta se tratar de um mero serviço a atender, quiçá, ressaltar-se-á, então, que tal serviço seria fulcral na definição dos pisos salariais futuros dos que os frequentam, ou não. Nesse sentido, é incoerente que o ensino até então, ainda que obrigatório, seja gratuito.

É conveniente que o ensino superior, a maior variável entre pisos salariais (a que dita a discrepância remunerativa entre o licenciado e não licenciado), seja precisamente a primeira modalidade de ensino paga após o ensino fundamental e a que arreda uma porção do prosseguimento de estudos por carência de meios económicos, apesar da existência de alguma oferta a nível bolsista. Em 2019 um não licenciado ganhava na cidade de Lisboa, em média, 1.368,0 euros, em contraste com a remuneração média de 2.258,8 euros de um licenciado (PORDATA).²²

Em 2013, um estudo executado pela Georgetown University, *Recovery: Job Growth and Education Requirements Through 2020*²³, projetava que 65 por cento dos empregos a nível global requereriam algum tipo de educação pós-secundária. Torna-se curioso que o principal fator no diferencial remunerativo e, atualmente, um requerimento quase universal no mundo laboral, resida atrás de uma *paywall*.

²⁰ Disponível em: <https://www.publico.pt/sociedade/interactivo/acesso-ensino-superior-2021-vagas-notas-todos-cursos>

²¹ Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/entrevistas-decidem-acesso-a-curso-privado-de-medicina-14065165.html>

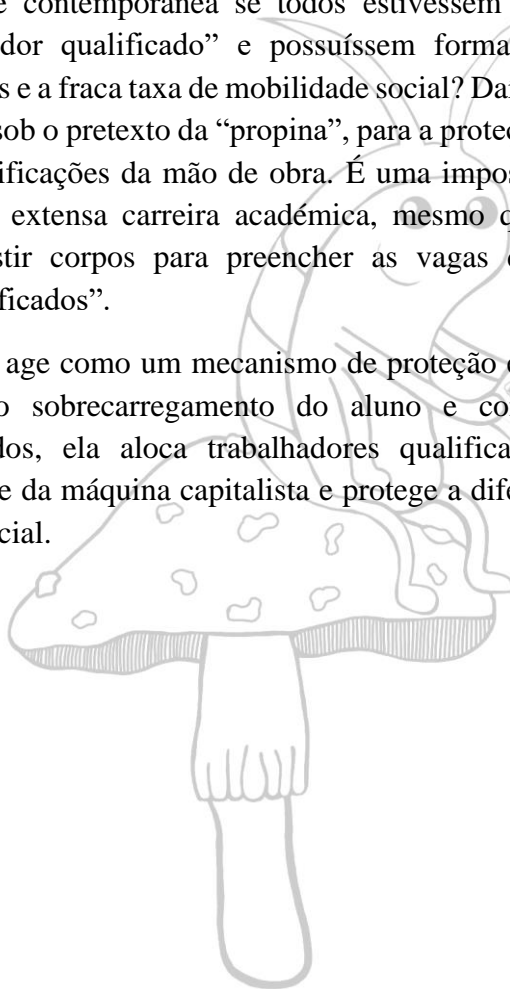
²² Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Ganho+m%a9dio+mensal+dos+trabalhadores+por+conta+de+outrem+total+e+por+n%a3%advel+de+escolaridade-288>

²³ Disponível em: https://cew.georgetown.edu/wpcontent/uploads/2014/11/Recovery2020.ES_.Web_.pdf

Assim, a comercialização e monetização do ensino contribuem para a sua aristocratização e para a construção de barreiras virtuais a níveis de qualificação: para existir o licenciado, o não licenciado tem de existir. Os dois precisam de coexistir e um não poderia suplantar o outro : terão sempre de haver trabalhadores qualificados e não qualificados. E como se não bastasse a métrica artificial do “mérito”, confinado à média escolar, a variável do poderio monetário do aluno também consta como válida ao ingresso na licenciatura.

Por necessidade capitalista, é urgente relegar uns a determinados níveis salariais, com o fim de proteger as discrepâncias socioeconómicas e as classes existentes. Como funcionaria a realidade contemporânea se todos estivessem habilitados a integrar a categoria de “trabalhador qualificado” e possuíssem formação superior? Como se sobreviveriam as classes e a fraca taxa de mobilidade social? Daí ser premente a conceção de barreiras artificiais, sob o pretexto da “propina”, para a proteção da realidade existente e da variedade de qualificações da mão de obra. É uma impossibilidade todo o vulgar aluno concretizar uma extensa carreira académica, mesmo que fosse uma aspiração comum: terão de existir corpos para preencher as vagas dos chamados trabalhos “manuais” e “não qualificados”.

Assim, a propina age como um mecanismo de proteção e manutenção do sistema de classe. Através do sobrecarregamento do aluno e conseqüente dissuasão da continuação dos estudos, ela aloca trabalhadores qualificados e não qualificados consoante a necessidade da máquina capitalista e protege a diferenciação de riqueza e a reduzida mobilidade social.



Tiago Correia

Sobre O Regresso Ao Homem Natural:

Nota Introdutória:

Parece-nos pouco intuitivo afirmar que os nossos pensamentos podem ser involuntários e, no entanto, a realidade é que a grande maioria o são e apresentam uma grande tendência para serem, também, negativos. A psicologia tem vindo a defender que esta negatividade da mente surge como um modo de proteção e prevenção, a nível emocional, para os eventos que se possam suceder na nossa vida. Esta negatividade cria nos indivíduos algum receio de estarem sozinhos e, assim, serem forçados a enfrentar esses pensamentos, preferindo evitá-los a todo o custo.

No presente artigo irei debruçar-me sobre duas ideias fundamentais presentes no pensamento de Jean-Jacques Rousseau. A primeira é que o Homem em civilização é distinto do que seria no seu estado natural e a segunda de que se o Homem se encontrasse sozinho poderia aproximar-se desse estado incorrupto. Através destas teses poderei demonstrar que o Homem é distinto numa sociedade, e na sua vida ativa, daquilo que é num estado puro

Tenho como finalidade demonstrar que a meditação pode ser vista como uma via para nos tornarmos não só conscientes da presença destes pensamentos, mas também para percebermos se nos identificamos, ou não, com os mesmos e se conseguimos conhecer quem realmente somos, retomando, de certo modo, a esta natureza pré-civil do Homem.

Sobre A Negatividade Da Mente:

O artigo “Just Think: The Challenges Of The Disengaged Mind”²⁴, publicado pela revista *Research*, procura demonstrar que as pessoas apresentam uma tendência para se manterem ativas e ocupadas e não apreciam ficar sozinhas com os seus pensamentos. Os resultados obtidos pelos estudos demonstram que os participantes não só apresentaram um elevado grau de insatisfação perante o facto de estarem isolados com os seus pensamentos, sem poderem realizar nenhuma outra atividade, como o grupo que não realizou o estudo no laboratório, teve uma certa tendência para aldrabar a atividade, ouvindo música ou utilizando os seus dispositivos eletrónicos.

A seguir, os participantes receberam instruções para que se entretivessem com os seus pensamentos (neste caso por 15 minutos). Se eles quisessem, eles sabiam que poderiam receber um choque elétrico [novamente] durante o processo de pensar pressionando um botão. Nós fizemos um esforço para explicar que o objetivo principal seria entreterem-se com os seus pensamentos e que a decisão de levarem um choque seria inteiramente da sua parte. (WILSON et al, 2014, p.36)

²⁴ WILSON et al (2014) Just Think: The Challenges of The Disengaged Mind, *Research*, Vol. 345, Issue 6192 Retrieved from www.sciencemag.org, pp. 75-77

Um dos resultados mais interessantes foi de uma amostra cujos participantes poderiam optar entre permanecer sem qualquer estimulação exterior, ficando apenas a pensar ou refletir, ou de receber um estímulo negativo, um pequeno choque elétrico. Aqui ficou demonstrado que, apesar de considerarem desagradável o choque, preferiram receber esse estímulo a permanecerem sozinhos com os seus pensamentos, sendo que os homens apresentaram uma maior tendência para tal.

Como podemos ver, o cérebro humano presenteia-nos com diversos fenómenos muito peculiares que influenciam a nossa disposição para com o mundo e para com a realidade que nos envolve. Como já referi, são inúmeros os pensamentos involuntários que o cérebro é capaz de produzir num único dia e, ainda que muitos deles sejam razoáveis e não criem dificuldades, a maioria desses pensamentos são, na verdade, negativos.

A psicologia classifica estes pensamentos involuntários como pensamentos intrusivos, que podem tomar uma variedade de formas, mas, quer sejam eles de carácter sexual, violento ou blasfemo²⁵, os pensamentos intrusivos são comuns e não definem o indivíduo que os possui. Na verdade, estes pensamentos costumam estar relacionados com as nossas preocupações e refletir exatamente aquilo que desejamos que não aconteça.

[Sobre A Relação Entre O Homem Natural E O Caminho Do Meio:
Sobre O Estado De Natureza Em Jean-Jacques Rousseau:](#)

São diversas as correntes de pensamento que procuram fundamentar a origem do governo civil. Entre elas, encontra-se situada a corrente, conhecida como contratualista, que defende que a origem das comunidades políticas reside num acordo, ou contrato, feito entre os indivíduos que leva ao surgimento de uma comunidade com um poder político comum.

Esta ideia pressupõe a existência de dois momentos diferentes: um primeiro que precede o contrato, que ficou conhecido como Estado de Natureza, e o segundo que lhe sucede, conhecido como o Estado Civil. As características que definem ambos os Estados variam consoante o sistema de pensamento em que estão inseridos.

Apesar de a maioria dos contratualistas colocarem a necessidade e legitimação da formação do Estado e constituição de um governo civil nas inconveniências do Estado de Natureza, Jean-Jacques Rousseau faz um elogio - uma glorificação - deste mesmo Estado.

Jean-Jacques Rousseau, ao discutir a conceção do Estado de Natureza, procura afastar-se de uma tese que atribuía ao Homem natural características que apenas podiam ser adquiridas de formas mais civilizadas de existência, por via da instituição social das mesmas.

²⁵ Entre os demais existentes.

No prefácio da obra *Discurso Sobre as Origens e Fundamentos das Desigualdades Entre os Homens*²⁶, Rousseau começa por elaborar as questões cuja análise me proponho a discutir, questionando *que experiências seriam necessárias para chegar a conhecer o homem natural? E quais os meios de realizar essas experiências no seio da sociedade?* (Rousseau, 1754, p.16)

Antes de me debruçar sobre tais questões, é relevante apresentar a visão do autor sobre o próprio Homem natural. Com isto, o projeto a que o autor se dedica não é mais do que uma elaboração hipotética da gênese da história humana, desfazendo-se, porém, de determinados atributos que eram comumente estipulados como pertencentes à natureza humana, mas que, segundo Rousseau, apenas podem ser deduzidos da experiência da vida em comunidade. Aquilo que o autor determina como sendo um *puro estado de natureza* é fortemente marcado pelo seu carácter totalmente primitivo.

Não vejo em qualquer animal senão uma engenhosa máquina, [...]. Descubro precisamente as mesmas coisas na máquina humana, com a diferença de que é a natureza sozinha que faz tudo nas operações do animal, enquanto o homem concorre para as suas operações na qualidade de agente livre. (Rousseau, 1754, p. 32)

Podemos começar por descrever o Homem natural, segundo a concepção de Rousseau, como sendo um animal semelhante aos demais com os quais convive, mas que se distingue dos mesmos, em parte, pela sua liberdade. O ser humano não está condicionado pela natureza, as suas operações não estão inteiramente dependentes desta. Assim sendo, possui, para além dos seus instintos naturais, a qualidade de *agente livre*, enquanto os restantes animais estão sujeitos apenas aos seus próprios instintos. Ou seja, o ser humano possui livre-arbítrio e é responsável pelas suas ponderações, decisões e ações.

Vejo-o alimentando-se debaixo de um carvalho, matando a sede no primeiro riacho, encontrando a sua cama debaixo da mesma árvore que lhe forneceu alimento e vendo assim satisfeitas as suas necessidades [...] A sua imaginação nada lhe apresenta; o seu coração nada lhe pede. As suas módicas necessidades encontram-se tão facilmente ao alcance da mão, e está tão longe do grau de conhecimentos necessários para desejar adquirir novos conhecimentos, que ele não pode ser nem providente nem curioso. (Rousseau, 1754, p.26, 35)

O Homem natural encontra todas as suas necessidades satisfeitas pela própria natureza, o que nos indica que é composto de poucas paixões e que estas não se prolongam além da necessidade natural. A satisfação das necessidades básicas apenas se traduz numa harmonia com o meio envolvente, visto que a ausência de desejo promove a autossatisfação, que conduz o Homem a não procurar nada além daquilo que já dispõe, o que significa que o Estado de Natureza apresentado por Rousseau a não incluir nenhum tipo de competitividade.

²⁶ Rousseau, 1754

Concluimos que, errando pelas florestas sem indústria, sem palavra, sem domicílio, sem guerra e sem ligações, sem qualquer necessidade dos seus semelhantes, como sem qualquer desejo de os prejudicar talvez mesmo sem nunca reconhecer algum individualmente, o homem selvagem, sujeito a poucas paixões, bastando-se a si próprio [...] (Rousseau, 1754, p.50)

Em suma, os Homens no Estado Natural vivem dispersos entre si e entre os demais animais que habitam a Terra. Embora sejam criaturas solidárias, que não sentem qualquer desejo de prejudicar o outro ou de lhe causar sofrimento, não têm família nem mantêm relações entre si, talvez nem se reconheçam individualmente. Rousseau chega a exemplificar que a relação entre uma mãe e os seus filhos dura até os mesmos desenvolverem as suas habilidades o suficiente, de tal modo que consigam subsistir sozinhos. Após este rompimento da sua relação, quer a mãe quer as crias se esquecem um do outro.

Há, no entanto, uma característica fundamental do ser humano que o afasta dos demais animais e sobre a qual não pode haver qualquer tipo de contestação:

[...] é a faculdade de se aperfeiçoar, faculdade que, com a ajuda das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e reside entre nós tanto na espécie como no indivíduo, enquanto um animal é no fim de alguns meses [...] (Rousseau, 1754, p.33)

Rousseau apresenta-nos esta faculdade, pode dizer-se adormecida, de que o ser humano é dotado e lhe confere a possibilidade de acolher determinadas disposições e de as desenvolver. A esta faculdade, que serve de base ao desenvolvimento de todas as outras faculdades humanas, o autor designa de *perfectibilidade*.

É nesta faculdade que reside a transformação da natureza humana e que torna gradualmente, o homem natural num ser corrompido. Associando a *perfectibilidade*, faculdade exclusivamente humana, a determinados processos, como a agricultura e o surgimento da propriedade - que desencadeiam várias paixões - até então inexistentes, origina-se um clima de desigualdade entre os homens.

Em conclusão, isto conduz a transformação da natureza humana à sua descaracterização, originando uma segunda natureza: a do Homem civil. Gera-se uma determinada dependência emocional, não intencional, por parte do ser humano.

[Sobre As Quatro Verdades Nobres como Um Regresso Ao Homem Natural:](#)

É nas teses apresentadas por Sidarta Gautama, no seu primeiro discurso após a iluminação *Dhamma-Cakkappavattana-Sutta*, que podemos identificar uma resposta à pergunta colocada por Rousseau no prefácio da sua obra. As *Quatro Verdades Nobres*, de Buda Gautama, parecem não só responder à questão *que experiências seriam necessárias para chegar a conhecer o homem natural?* (Rousseau, 1754, p.16), como também fazê-lo fornecendo um regresso gradual à primeira natureza humana.

A grande preocupação de Buda Gautama prende-se com o sentido que a nossa

vida carrega e, assim, de que modo conseguimos alcançar uma vida de felicidade num mundo que é constituído, maioritariamente, por sofrimento. Tendo em consideração este objetivo, Buda reflete sobre a existência, origem e o fim do sofrimento, dando a conhecer aos seus discípulos de que modo conseguem alcançar a ausência do mesmo.

Com a compreensão “Esta é a nobre verdade de *dukkha*”, ó *bhikkhus*, nas coisas que antes não tinham sido entendidas, surgiram em mim a visão, o conhecimento, a sabedoria, a ciência e a luz.

Com a compreensão “Esta nobre verdade de *dukkha* deve ser plenamente compreendida” (...) “Esta nobre verdade sobre *dukkha* foi compreendida”, ó *bhikkhus*, nas coisas que antes não tinham sido entendidas, surgiram em mim a visão, o conhecimento, a sabedoria, a ciência e a luz. (Samyutta-nikaya, Sacca-samyutta, II, I)

A primeira verdade nobre é o *Duhkkha*, que pode ser traduzido do sânscrito como “há sofrimento” (ou existe sofrimento). Este é uma parte integral da existência e é universal.

Esta primeira verdade nobre parece, em grande parte, corresponder ao estado em que o Homem civil se encontra, mas no qual pode não permanecer. Ou seja, quando o Homem passa da primeira para a segunda natureza, este torna-se egoísta, começando a desejar determinadas coisas devido à influência das suas paixões. No entanto, o facto de ser dotado de *perfectibilidade* permite-lhe, ainda assim, atender a disposições contrárias a estas.

Eis, ó *bhikkhus*, a nobre verdade da causa de *dukkha*. É este desejo insaciável [sede, tanha] que conduz a uma existência renovada, acompanhada por deleite e ânsia, que busca deleite aqui e ali; isto é, desejo insaciável de prazeres sensuais, desejo insaciável de existência, desejo insaciável de extermínio. (Samyutta-nikaya, Sacca-samyutta, II, I)

Devemos considerar que tudo aquilo que existe tem de possuir uma causa, algo que o precede e lhe dá origem. Assim, também a existência de sofrimento deve possuir uma origem. Introduce-se, assim, a segunda verdade nobre: a origem do sofrimento. Demonstra-se, deste modo, que a origem do sofrimento, o que corresponde à segunda verdade nobre. Esta enuncia que a causa do sofrimento é o apego ao desejo. Não é possível determinar as diferentes modalidades de desejo, visto que nem todas se apresentam a nós do mesmo modo. Porém, estas modalidades parecem partilhar um elemento comum: todas elas se revelam como sendo formas de contemplar o desejo.

Como Rousseau teoriza, o Homem selvagem apenas desejava aquilo que era necessário à sua sobrevivência sendo que, assim que se vê satisfeito, deixa esse desejo partir até que surja em si, novamente, essa necessidade básica. Se pensarmos inversamente, o que Rousseau indica é que a transformação da natureza humana se inicia quando este começa a demonstrar um maior apego a estas necessidades e desejos. Assim, poderíamos considerar que a felicidade, não poderia estar na posse momentânea e utilização dos prazeres, nem na saudade de algo que viemos a perder.

Com isto, não a devemos considerar como sendo absoluto, muito pelo contrário: a filosofia budista contempla um princípio de impermanência das coisas, isto é, que tudo o que constitui o universo está em constante mutação, princípio esse designado por *Anicca*. É esta impermanência das coisas que nos permite afirmar que deve haver um momento de cessação do *Dukkha*, o *Nirodha*.

No entanto, *Nirodha* não é espontâneo e só podem alcançar o estado de *nirvana* aqueles que conheçam a quarta verdade nobre. Segundo esta, existe um caminho, denominado por *Caminho do Meio*, ou *Caminho Óctuplo*, que representa o modo pelo qual o Homem consegue superar o ego, o apego e o sofrimento, permitindo-lhe alcançar o *nirvana* – um estado que representa o encerramento do sofrimento, determinando a passagem para um estado de harmonia, de paz, de calma, de pureza de pensamentos.

O *Caminho Óctuplo*, assim denominado por apresentar oito “tentáculos” que representam os ensinamentos neste inseridos, baseia-se na moderação e na harmonia, na medida em que nos impede de cair sobre os extremos: o da autoindulgência e o da auto mortificação, apelando à retidão da compreensão, postura mental, modo de falar, agir e viver, esforço, atenção e concentração.

As divergências entre Gautama e Rousseau:

Ainda que seja possível identificar diversas semelhanças entre o pensamento de Sidarta Gautama e Jean-Jacques Rousseau, também é plausível identificar divergências entre as suas ideias, das quais irei enunciar duas que merecem especial atenção.

Em primeiro lugar, a ideia de que o *Dukkha* pode cessar parece corresponder ao que Rousseau afirmaria como uma transformação da segunda natureza humana para a primeira e, conseqüentemente, um retorno ao Homem natural. Porém, este representa uma das principais divergências entre as ideias dos dois pensadores.

Sidarta Gautama considera que a meditação, isto é, a atividade contemplativa e introspectiva que nos permite alcançar uma determinada harmonia entre a nossa mente e o ambiente que nos rodeia, é uma das principais vias para atingir a cessação do *Dukkha*.

Como já referi, poderíamos estabelecer um paralelo entre o *Nirodha* e a passagem da segunda para a primeira natureza humana. Porém, atendendo às ideias de Rousseau, não seria totalmente correto afirmar a existência, ou possibilidade, deste mesmo paralelo.

Se ela não nos destinou a ser sãos, quase me atrevo a afirmar que o estado de reflexão é um estado que vai contra a natureza e que o homem que medita é um animal depravado. (Rousseau, 1754, p.30)

De facto, se pensarmos o Homem selvagem como semelhante aos restantes animais então devemos estar sujeitos às condições que a natureza nos prescreve e, assim, a meditação é um ato de depravação para o Homem natural, na medida em que procura contrariar a disposição natural das coisas.

Em segundo lugar, para Jean-Jacques Rousseau não é possível inverter a transformação da natureza humana. Sempre que o Homem procurar aproximar-se dessa inversão, carregará consigo tudo o que a segunda natureza lhe impôs, já que ficou permanentemente corrompido pela sociabilidade. Assim, mesmo que o ser humano invista no *Caminho Óctuplo* para alcançar uma vida repleta de felicidade, esta não será tão pacífica como aquela que viveria no Estado de Natureza.

Atividade Contemplativa Como Via Para A Felicidade:

Ainda que não seja possível, na visão de Rousseau, retornarmos à primeira natureza, podemos procurar responder à segunda questão apresentada no seu prefácio onde ele nos interroga sobre *quais os meios de realizar essas experiências no seio da sociedade?* (Rousseau, 1754, p.16)

De facto, muito dificilmente conseguiríamos vivenciar o Homem natural num contexto de sociedade civil, onde nos encontramos e de onde não nos conseguimos retirar, porém, podemos realizar experiências no seio da sociedade que visam uma reaproximação à primeira natureza humana e nos permitam, assim, sermos mais felizes do que agora somos.

De que se frui uma situação semelhante? De nada exterior a si, de nada a não ser de si mesmo e da sua própria existência; enquanto este estado dura é-se suficiente a si mesmo como Deus. O sentimento da existência despojado de toda a afeição é por si mesmo um sentimento precioso de contentamento e de paz que bastaria por si só para tornar esta existência querida e doce a quem soubesse afastar de si todas as impressões sensuais e terrestres sem cessar nos vêm distrair dela e perturbar a sua doçura neste mundo. (Rousseau, 1967, as cited in Borges, 2014)

A felicidade completa deve, assim, residir na *pura imanência de si*, num estado de autossuficiência plena (Borges, 2014). A condição fundamental para atingir a felicidade reside no afastamento das afeições, das paixões, das próprias impressões sensuais. Só o despojamento das mesmas nos permite entender o valor do sentimento de pura existência.

Respondendo à questão de Rousseau, o programa metódico que nos permitiria propiciar o puro sentimento da existência seria aquele que concerne à experiência da atenção plena de si, que muitas vezes se designa como meditativa ou contemplativa (Borges, 2014). Esta atividade meditativa prende-se, essencialmente, com a ideia do cuidado e atenção de si mesmo, onde nos *viramos para dentro*, dando uma maior atenção ao nosso corpo, aos nossos pensamentos e às nossas sensações de tal modo que possamos aceitá-las, mesmo que não nos identifiquemos com elas ou que estas se revelem perturbadoras.

Não se trata de procurar respostas ou de afastar algo que nos incomoda, mas de estarmos atentos à sua existência e ao modo como esse “algo” se relaciona connosco. Seria uma melhoria do ser saindo de *um estado de vida inautêntico, obscurecido pela inconsciência* até se alcançar um *estado de vida autêntico*, no qual o homem atinge a

consciência de si, a visão exata do mundo, a paz e a liberdade interiores. (Hadot, 2002, as cited in Borges, 2014).

Deste modo, a meditação apresenta-se como uma *medicina da alma* (Hadot, 2002, as cited in Borges, 2014), segundo a qual é possível olhar para nós próprios e para o que nos rodeia de um modo desapegado, sem haver a necessidade de nos identificarmos com isso.

Ainda que haja uma determinada inquietação face aos pensamentos involuntários, especialmente aqueles que surgem quando nos encontramos sozinhos, esta não precisa, necessariamente, de representar algo para nós. O medo que surge é o de que estes pensamentos venham a revelar a nossa natureza e de que sejamos, na verdade, algo que desconhecemos, vivendo uma farsa.

Os pensamentos intrusivos encontram na meditação uma determinada pacificação, na medida em que somos, de certo modo, capazes de os entender como algo que faz parte de nós, mas que não somos nós. São um espelho das nossas inquietações mentais com as quais não precisamos de nos identificar, visto que a atenção plena de nós, daquilo que seria o *self*, nos permitirá ter uma visão do mundo tal como este realmente é.

Se ponderarmos sobre o mundo atual nos termos de Jean-Jacques Rousseau, diríamos que os problemas da atualidade estão concentrados na humanidade que as pessoas possuem e que seria necessário um retorno ao selvagem para podermos contornar os problemas da sociedade.

A meditação permite-nos uma determinada aproximação a nós mesmos, à nossa verdadeira natureza, descrita por Rousseau como uma natureza de desapego, de solidariedade com o outro, de capacidade de desenvolver aquilo que se encontra em nós, em potência. A sua prática demonstra-se cada vez mais relevante devido ao constante afastamento da mesma, empregue pela vida ativa.

Eugénia Patrício

Referências Bibliográficas:

- BORGES, Paulo (2014) “A Felicidade Do Puro Sentimento De Existir Em Rousseau E Na Meditativa Plena Atenção De Si”, [in] *Jean-Jacques Rousseau: O Homem, A Obra, O Pensamento*, V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2014, pp. 49-58.
- DORLING Kindersley (2011) “Happy is he who has overcome his ego Siddhartha Gautama” [in] *The Philosophy Book: Big Ideas Simply Explained*, New York, pp. 30-33
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1754) *Discurso Sobre a Origem e Fundamentos da Desigualdade Entre Os Homens*, Tradução de M. De Campos, Publicações Europa-América, Lisboa: 1976.
- Samyutta-nikaya, *Sacca-samyutta*, II, I, Versão portuguesa a partir de duas traduções: Walpola Rahula, *L'enseignement du Bouddha d'après les textes les plus anciens*, estudo seguido de uma escolha de textos, prefácio de P. Demiéville, Paris, Éditions du Seuil, 1978, pp.122- 124; Bhikkhu Bodhi, *In the Buddha's Words. An Anthology of Discourses from the Pāli Canon*, Boston, Wisdom Publications, 2005, pp.75-78.
- WILSON et al (2014) Just Think: The Challenges of The Disengaged Mind, *Research*, Vol. 345, Issue 6192 Retrieved from www.sciencemag.org, pp. 75-77

Será a Nossa Civilização Superior às que a Antecederam?

Introdução:

O presente ensaio possui o intento de compreender o significado que os mitos tiveram não só para a construção do meio social, como também para o próprio entendimento humano. Assim, este ensaio dividir-se-á em três partes. Numa primeira instância, iremos observar o poder que a mitologia possuiu ao longo da história humana, para tal efeito, tentarei trabalhar a ligação entre mitologia e sociedade, em especial, a sociedade grega antiga, com a finalidade de entender a contribuição da mitologia não só para a ordem moral como social. Numa segunda parte, trabalharei a ascensão da ciência sobre a mitologia, ou seja, elucidarei a maneira como esta veio responder e até apaziguar o lado humano que era apenas explicado pelo mitológico. E num terceiro ponto, que resulta indiretamente da exploração anteriormente referida, tentar-se-á distinguir entre “pensamento «primitivo» e mente «civilizada»”²⁷ com o intuito de responder à pergunta central deste ensaio, “será a nossa atual civilização superior às que a sucederam?”.

Este ensaio contará como obra base, *Mito e Significado*, de Claude Lévi-Strauss, um conjunto de cinco conferências, sendo a primeira, a segunda e a quarta as mais relevantes, uma vez que tentam elucidar a ligação entre mitologia e o próprio ser humano.

Primeira Parte: Mitologia e Sociedade

1. A mitologia como modo de compreender o social

*“O mito é uma presença constante na vida: deixou de pertencer à esfera exclusiva dos deuses e dos heróis e passou a impregnar o nosso quotidiano.”*²⁸

É um fenómeno perene do ser humano de organizar o seu quotidiano com base em algo superior a si. Neste sentido, torna-se impossível de descodificar o modo de entender, com destaque, os primeiros passos humanos, sem falar de mitos e consequentemente de mitologias.

No entanto, é importante salientar que desde os povos primitivos à maior civilização, temos nesta última o caso da antiga civilização sumeriana, considerada por muitos como a primeira grande civilização do mundo, procurava na mitologia uma resposta para as suas indagações. Neste sentido, não nos parece erróneo afirmar que a questão do misticismo não é algo restrito de uma determinada civilização, encontramos em várias partes do globo, múltiplos povos, que de certa forma, possuíam as suas próprias mitologias, tornando o mito num fenómeno universal, como podemos observar na seguinte passagem:

“Surge na Grécia, reaparece em Roma, mas também entre os Celtas ou entre os Bosquímanos, na Ásia como na América, na África ou na Oceânia. As

²⁷ Estes termos são usados como título orientador da segunda conferência da obra, *Mito e Significado*, de Claude Lévi-Strauss.

²⁸ Pierre Grimal, *A Mitologia Grega*, p. 7

«histórias» da mitologia, com roupagens diversas, brotam em todas as culturas. O mito é universal.»²⁹

Todavia, não é também descabido afirmar que, não é o caso em que exista apenas uma sociedade que constrói o seu quotidiano baseado na mitologia. Todos os povos de maneiras distintas organizavam as suas atividades diárias com base na mitologia, até mesmo as práticas mais cruéis e desumanas, destacando os sacrifícios de animais e até mesmo de seres humanos, este último sendo uma prática muito comum na civilização asteca. Em suma, é impossível descrever as atividades mundanas do mundo antigo sem falarmos de mitos e de mitologias.

Era costume os principais eventos nas civilizações que possuíam mitologia, em destaque, a civilização grega, conter o intento de homenagear algum deus ou figuras de renome. Uma das mais célebres atividades eram os jogos olímpicos, acontecimento esse dedicado a Zeus, o principal deus da mitologia grega. Além disso, a mitologia também era usada como forma de cura ou de obtenção, ou seja, a prática de sacrifícios era uma atividade constante, que tinha a finalidade do perdão ou da ajuda divina, resultante de um pecado cometido por um determinado indivíduo como roubo, assassinato, entre outros, mas também resultante do desespero provocado pela passagem de uma dificuldade acrescida como fome, doenças, entre outros. Assim, era necessário manter um contacto regular com a mitologia, para que mais tarde esta pudesse, segundo a visão antiga, retribuir-lhes pelas suas oferendas ou sacrifícios.

Contudo, é curioso que cada deus ou semideus, não apenas na mitologia grega, mas também em outras, continham a sua própria história de vida e uma determinada função, exemplificando, se a prece de um determinado indivíduo fosse necessidade de amor, este direcionava-a para a deusa Afrodite, a deusa responsável na mitologia grega pelo amor, e assim por adiante, visualizamos de uma forma mais pormenorizada este facto, na passagem seguinte:

“Apresentam-se, então, como um sistema, mais ou menos coerente, de explicação do mundo, sendo criador cada um dos gestos do herói de quem cantam os feitos e acarretando consequências que se repercutem no universo inteiro.”³⁰

A mitologia, neste sentido, apresentou um papel fundamental na estruturação das civilizações ao longo da história da humanidade, tornando-se numa fonte fiável para a exploração não só das atividades religiosas, como também de atividades ligadas ao lazer.

2. A mitologia como fonte de moral para o ser humano

Não é só de carácter social que a mitologia vive, também apresentou um papel primórdio relativo à moral humana. A meu ver, o sacrifício foi uma das práticas que mais aproximou o ser humano ao místico, uma vez que, este fomentava a ideia de esperança, ou seja, ao sacrificar, por exemplo, um certo animal, criava-se sobre o momento, uma luz

²⁹ Pierre Grimal, *A Mitologia Grega*, p. 7-8

³⁰ Pierre Grimal, *A Mitologia Grega*, p. 15-16

para que a prece do seu praticante fosse ouvida pelos deuses, ou como foi anteriormente exposto, ao deus que cabia atender esse pedido.

Todavia, a mitologia não atuava apenas na religiosidade, ela também construía, na minha opinião, uma fonte de força para se conseguir resolver dificuldades ou desafios mundanos, para entendermos melhor esta tese, vejamos o seguinte excerto de um jogo:

“[...] *Kassandra: You expect me to win a war when your own troops can't?*

King Archidamos: My troops will crush any army under Helios. And if you want your home back you'll go to Boeotia and mind your tongue.

Kassandra: Consider the battle won.

King Archidamos: Spoken with the confidence of a child who hasn't seen real war. You will find my commander at Mt. Helicon. Give him this and tell him I sent you.

King Pausanias: Not so fast. Two kings. Two tasks.

Kassandra: Herakles completed twelve. Two shouldn't be a problem.

*King Archidamos: First Spartan thing you've said all day. [...]*³¹

Assim, como pudemos observar, a mitologia continha uma tamanha importância na moralidade dos indivíduos. Neste diálogo em específico, o mito de Hércules possui um papel fundamental para que a protagonista *Kassandra*, completasse ambas as tarefas que os reis tinham proposto.

Ora, era muito comum, em especial, na cultura grega, o uso recorrente de expressões como, “Que Hades Te acompanhe”, “Que Afrodite Te proteja”, entre outras, expressões essas, equivalentes a “Que Deus Te abençoei” ou “Que Deus tenha misericórdia de nós” usadas na nossa contemporaneidade, transmitem sobre o indivíduo uma força que é inerente a este, isto é, que fortalece de um modo significativo a sua moral, porque ao interpelarmos à proteção divina ou basearmos-nos em atos divinos ou semidivinos, recordo o exemplo usado no excerto anteriormente exposto, o exemplo de Hércules e das suas doze tarefas, formula-se de certa forma, uma vontade acrescida de atingir esses objetivos, uma vez que, este já não se sente só, mas com a companhia dos deuses, e conseqüentemente, uma maior segurança para a execução do mesmo.

Em suma, a mitologia apresenta uma base primordial, quer para a compreensão, quer para a estruturação do meio social, como também, a nível moral.

Segunda Parte: Mitologia e Ciência

2. O declínio mitológico e a ascensão do científico

Com o passar do tempo, a sociedade foi caminhando para um racionalismo cada vez maior, e neste sentido, a mitologia viu, pelo menos no ocidente, o seu declínio. Este ponto, tratar-se-á assim da relação entre mitologia e ciência. Na obra, *Mito e Significado*,

³¹ Assassin's Creed: Odyssey, Main Quests: Chapter 7, *Kings of Sparta*

no qual, a primeira conferência, dotada do nome “O Encontro do Mito e da Ciência”, terá neste segundo ponto, uma tamanha importância.

Uma das primeiras teses defendidas, nesta mesma conferência, é que a ciência se tornou autónoma do pensamento místico e mítico. Deste modo, surge com confronto entre aquilo que era fruto da experiência realizada no mundo empírico, com aquilo que provém do mundo das sensações. Ora, para simplificarmos esta ideia, vejamos o seguinte excerto:

“O fosso, a separação real, entre ciência e aquilo que poderíamos denominar pensamento mitológico, para encontrar um nome, embora não seja exactamente isso, ocorreu nos séculos XVII e XVIII. Por essa altura, com Bacon, Descartes, Newton e outros, tornou-se necessário à ciência levantar-se e afirmar-se contra as velhas gerações de pensamento místico e mítico, e pensou-se então que a ciência só podia existir se voltasse costas ao mundo dos sentidos...”³²

Como vimos, a ciência conquistou uma enorme autonomia, e passou a conter o papel de apaziguamento das inquietações humanas, que antes a mitologia possuía, e neste sentido, os indivíduos passaram a guiar o seu quotidiano com base em instrumentos oriundos do intelecto humano. Por outras palavras, atualmente, do que durante os primeiros passos que o processo científico teve, uma vez que, quando este surgiu, tanto a mitologia, como as religiões monoteístas, possuíam sobre a sociedade um papel primordial, o que tornava a ciência algo pouco útil para pensar quer as práticas, quer as instabilidades humanas.

No entanto, na nossa contemporaneidade, isso já não acontece. Os estudos científicos ocupam esse lugar que outrora fora da mitologia e da religião, ou seja, o mundo sensorial deixou de ter qualquer importância para as investigações não só sobre a natureza humana, como mundana. Contudo, a ciência jamais será algo inquestionável, como afirma Lévi-Strauss:

“Haverá sempre um fosso entre as respostas que a ciência está habilitada a dar-nos e as novas perguntas que essas respostas provocarão. Portanto, não sou um partidário do «ceticismo». A ciência nunca nos dará todas as respostas. O que poderemos tentar fazer é aumentar, lentamente, o número e a qualidade das respostas que estamos capacitados para dar, e isto, segundo penso, apenas o conseguiremos através da ciência.”³³

Em suma, a prática dos métodos científicos foi conquistando ao longo do tempo um lugar de resposta às inquietações humanas, no entanto, é importante salientar que o religioso não desapareceu totalmente da vida dos indivíduos. Este denota-se nos momentos de mais aflição, como a morte de alguém, com o aparecimento de uma doença incurável, entre outros. Neste sentido, o ser humano apesar dos avanços científicos não abandonou a prática de resolver as suas questões baseando-se na religião, ou aspetos transcendentais a si.

³² Claude Lévi-Strauss, *Mito e Significado*, p.18

³³ *Ibid.*, p. 25

Terceira Parte: Mente «Primitiva» e Mente «Civilizada»

3. Poderemos considerar a nossa atual civilização superior às que a antecederam?

Após termos esmiuçado a relação entre mitologia e ciência, será, em consequência da anterior análise, correto afirmar que a nossa atual civilização, possui uma posição de destaque relativamente às civilizações que a sucederam? Será profundamente legítimo elaborar uma distinção entre aquilo que podemos designar como, “pensamento «primitivo» e mente «civilizada»”³⁴? Na minha opinião, é errado possuir este tipo de pensamentos.

A nossa contemporaneidade é sem qualquer contestação, mais desenvolvida, do que outros tempos, em muitos aspetos, quer a nível científico, tecnológico, quer em certas questões relacionadas com a estrutura social e moral. Contudo, apesar destas marcas positivas e do seu desenvolvimento, não podemos considerá-la, como sendo, superior. Na obra base deste trabalho, Lévi-Strauss tenta defender que os povos que não possuíam uma escrita, que de acordo com a sua perspectiva, remete para o que designaríamos como povos primitivos, quando este afirma “A maneira de pensar dos povos a que normalmente, e erradamente, chamamos «primitivos» - chamemos-lhes antes «povos sem escrita», porque, segundo penso, este é que é o fator discriminatório entre eles e nós”³⁵, ou seja, consideramo-los inferiores devido a esse fator. Todavia, segundo Lévi-Strauss, existe aqui duas interpretações, que na sua opinião tendem a inferiorizar o pensamento «primitivo» em relação ao «civilizado», uma ligada à ideia de utilidade, enquanto a outra, possui uma ligação à emocionalidade.

A primeira tese é designada na antropologia, como funcionalismo, e um dos autores cujas visões relativas aos povos sem escrita incidiam em afirmar que “o pensamento de todas as populações sem escrita que eram objeto de estudo da Antropologia – era ou é determinado inteiramente pelas necessidades básicas da vida.”³⁶, fá-lo de Bronislaw Malinowski (1884-1942), no qual, a sua conceção, permitir-nos-ia compreender a organização estrutural, quer social, quer moral de um determinado povo, apenas recorrendo a uma análise cuidadosa das necessidades mais simplistas do mesmo. Estamos perante uma interpretação de estrutura utilitária, porque procura encontrar nessas necessidades básicas, a essência de um povo, ou seja, ao elucidar aquilo que se considera como básico, selecionamos o que nos parece útil.

A segunda teoria apresentada por Lévi-Strauss, contem a seguinte fórmula, “a diferença básica entre o pensamento «primitivo» - ponho sempre a palavra «primitivo» entre aspas – e o pensamento moderno reside em que o primeiro é completamente determinado pelas representações místicas e emocionais.”³⁷, neste sentido, o recurso à mitologia, e conseqüentemente aos mitos, é a base estrutural do modo de pensar destes povos denominados sem escrita, uma vez que, estes recorriam constantemente a

³⁴ Estes termos são usados como título orientador da segunda conferência da obra, *Mito e Significado*, de Claude Lévi-Strauss.

³⁵ Claude Lévi-Strauss, *Mito e Significado*, p. 29

³⁶ *Ibid.*, p. 29

³⁷ Claude Lévi-Strauss, *Mito e Significado*, p. 30

explicações mitológicas para satisfazer as suas emoções, podendo estas ser interesses pessoais ou relacionados com as práticas diárias. Um dos defensores desta interpretação é Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939).

Ora, é bastante notável que ambas as teorias tendem a definir um aspeto que resume as principais diferenças entre os modos de pensar de cada um. No entanto, esta conceção é, na minha opinião, errada. Na nossa contemporaneidade não podemos inferiorizar qualquer ano, século ou era, pois todas elas contribuíram para o nosso modo de pensar. Ao longo do tempo, é certo, o ser humano foi melhorando a forma, não só de se ver a si mesmo, mas também a forma de ver o que o rodeia, e isto só foi possível devido aos avanços que estes povos tiveram, tornando-se, mais um motivo para encararmos os povos anteriores e nos espantarmos, o quanto magnífica é a mente humana, não só no campo da intelectualidade, como também para se adaptar a qualquer situação, do que a inferiorizarmos porque guiavam o seu quotidiano com base em mitologias. Em suma, respondendo assim à pergunta central deste ponto e deste ensaio, é erróneo afirmar que a nossa atual civilização é superior às que a sucederam.

Conclusão

Nenhuma civilização é superior a outra, todas elas possuem os seus pontos fracos e fortes, momentos caóticos e gloriosos. A mitologia constitui para a nossa contemporaneidade um meio de compreensão dos primeiros passos relativos ao modo de entender não só o mundo como também as atividades mundanas. Contudo, a ascensão da ciência contribui para o declínio místico-religioso, sendo, cada vez mais, a sustentabilidade das crenças dos indivíduos, ou seja, a racionalidade com o passar do tempo veio a estabilizar as inquietações que até a um certo ponto era apaziguado pelo religioso.

No entanto, e em suma, será totalmente erróneo afirmar que a nossa civilização é superior às que a sucederam, sendo que, o ser humano ao longo do tempo veio aperfeiçoando de um modo racional a forma de olhar o mundo e aos seus fenómenos.

Bibliografia

Graves, Robert. 1990. *Os Mitos Gregos* Vol. I e II. Trad. Port. de Fernanda Branco. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

Grimal, Pierre. 1986. *A Mitologia Grega*. Mira-Sintra – Mem Martins: Publicações Europa América.

Lévi-Strauss, Claude. 1979. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70.

Ubisoft Québec. 2018. *Assassin's Creed: Odyssey*. Publisher: Ubisoft. Engine: AnvilNext 2.0. Composer: The Flight.

Setembro Amarelo, a chamada de atenção

Um texto para todos vós.

Sempre que chega setembro, questiono-me: será assim tão importante falarmos acerca deste assunto, só por termos chegado a esta altura? Serei eu válida?

Na minha cabeça, não faz sentido haver um mês para discutir-se algo tão importante. Contudo, isso mudou. Porquê? - perguntam vocês. Ora, pois bem, eu explico-vos, e a razão é bem simples: comecei a questionar a outrem se sabiam o significado da cor amarela. Poucos graúdos conseguiram explicar-me. Ouvi coisas como: “amarelo é a cor da felicidade”. Realmente é, isso é inegável. Porém, felicidade é somente um fim para este meio. Meio esse a que chamamos depressão. Sim, leram bem. Sabem quantos portugueses sofrem de depressão? Sabem qual é a taxa de suicídio do nosso povo? Sabiam que somos o 3.º país com maior taxa de incidência?

Acham pouco? Não. Ainda há mais. Por mais irónico que seja, também estamos no mês da visibilidade bissexual, são estas mesmas pessoas que registam o maior número destes valores. “Jovens homossexuais ou bissexuais têm três vezes mais probabilidade de suicídio”, como mostrou um estudo redigido pelo Jornal de Notícias.

Como se ainda não bastasse, a geração z sofre cada vez mais de ansiedade e *stress* acumulado. Como é que podemos travar isto? Somos somente um número para estatísticas? Para muitos, pode ser óbvio: não. Todos nós somos válidos.

Por mais fácil que seja falar, esta é a verdade. Os assuntos têm que ser falados. Usem a vossa voz. Não se cale! Há que normalizar aquilo que já é normal. A força está em nós e naquilo que somos. São estes momentos que nos fazem ser tão especiais - o nosso eu, a nossa essência. O meu conselho é: se têm uma causa que defendem, lutem por ela e brilhem. O futuro está connosco, e sabem que mais? O melhor ainda está por vir. Sempre digo isto e gosto de reforçar: nem tudo aquilo que é menos bom (aqui não usamos palavras com uma conexão negativa) não será assim para sempre. Basta falarmos e sermos ouvidos.

Um texto que foi para todos vós. Aqui me despeço.

Filipa de Deus

Pétalas de Chuva

Breves palpitações sequenciais *energicavam* no meu peito a cada sopro de oxigénio que arejava os meus pulmões, como numa valsa com as gotas gélidas e translúcidas da chuva que perambulavam do outro lado da janela.

Encontrara conforto no pensamento de que mais solitária do que eu, era ela: a chuva. Esta, que extraía o líquido da vida de rios, oceanos, lagos e lagoas para o distribuir por personalidades insensíveis capazes de revogar esse caprichoso abraço com um “guarda-chuva”. Tal como os meus, também os sentimentos da precipitação eram rejeitados, ignorados, mal compreendidos.

Sara Araújo

Taking It Easy:

Levar com calma. É uma frase bastante simples, mas esquecemo-nos disso nas alturas mais cruciais da nossa vida. No início de um novo capítulo é sempre o mais recomendado lembrarmo-nos disto, mas nem sempre isso acontece. Tornou-se irrefutavelmente um hábito, pois existe tanta coisa a acontecer ao mesmo tempo, tentando constantemente acompanhar, que nem paramos um segundo para pensar e respirar. A euforia de entrar na faculdade, de mudar de casa, de ir para outro país, de continuar a faculdade e querer que os nossos horários sejam perfeitos, é tanta que depois - quando estamos sozinhos - cai-nos a ficha: “Será que é isto que eu quero?”, “Será que esta é a melhor decisão?”, “Será que vou ser feliz?”. Ficamos num estado de desespero. Não há nada de errado com isso, pois é um procedimento completamente habitual.

Para quem estiver a ler este texto, isto é para ti. Este é o momento para respirares e *levar com calma*. Apesar de ser difícil acreditar, e pode ser muito fácil dizer isto: vai ficar tudo bem. Pensar um dia de cada vez é sempre melhor do que pensar semanas, meses ou até anos à frente, porque apesar de querermos descobrir o que vem a seguir, ao olhar para a frente, esquecemo-nos de aproveitar o que está à nossa volta. Eu acredito que consigas conquistar tudo o que quiseres, porque o tempo é teu, e só teu.

Eduardo Fernandes

Que sejamos jovens para sempre

Que sejamos jovens para sempre!
Que nos mantenhamos incólumes face ao tempo,
Conservados na força e na destreza,
Pela vontade de manter acesa a nossa chama,
Servindo-nos a poesia de alimento

Que seja sempre primavera!
Que nos cantem sempre as andorinhas!
Que vejamos todos os dias os pampilhos!
Que o sol ameno dos maios
nos mantenha sempre quentes os corações!

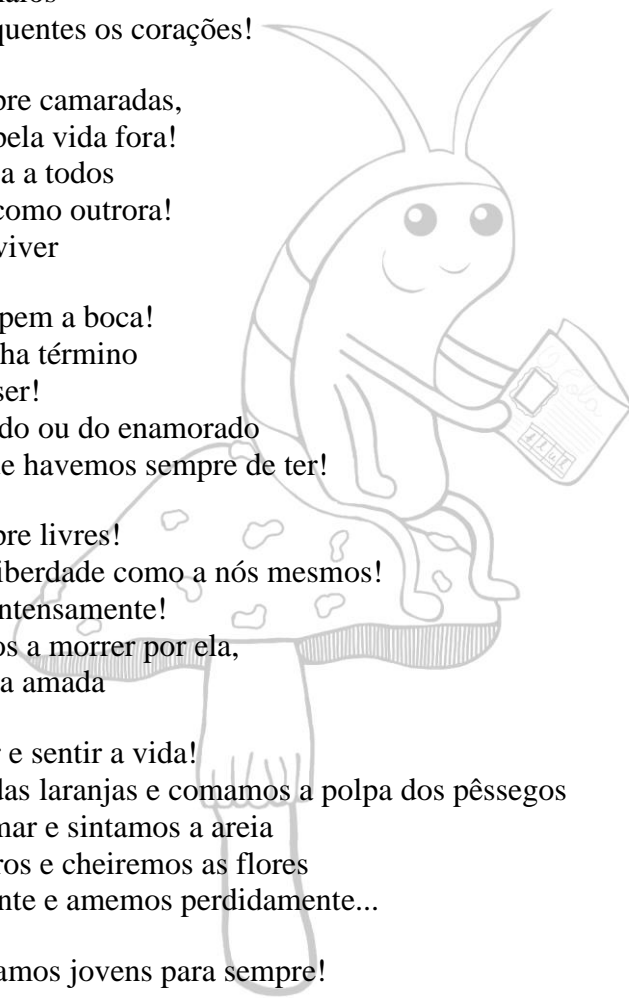
Que sejamos para sempre camaradas,
Eternos irmãos juntos pela vida fora!
Que o destino nos sorria a todos
E nos abençoe, juntos como outrora!
Com a graça de assim viver

Que só os beijos nos tapem a boca!
Que só o amor nos ponha término
À luta interna de cada ser!
Que só o toque do amado ou do enamorado
Freie a força de fera que havemos sempre de ter!

Que sejamos para sempre livres!
Que saibamos amar a liberdade como a nós mesmos!
Que a saibamos viver intensamente!
Que estejamos dispostos a morrer por ela,
Qual duelo pela donzela amada

Que saibamos saborear e sentir a vida!
Que bebamos o sumo das laranjas e comamos a polpa dos pêsegos
Que mergulhemos no mar e sintamos a areia
Que ouçamos os pássaros e cheiremos as flores
Que beijemos loucamente e amemos perdidamente...

Que vivamos e que sejamos jovens para sempre!



Pedro Sousa

Efemeridade da Vida:

Carpe Diem

Aproveita o dia
Para quem não sabe,
É a língua dos cães.

A vida é breve
Todas os dias a contar
Nesta reprimida greve
Como se fosse rebentar.

Agora vem a real pergunta:
Nesta rebelião conjunta
Tu "carpas o diem"
Ou só réquiem?



Diogo Neves

Um Olhar Presente Sobre Um Profeta Passado

Após ano e meio de eterno abrandamento, voltei a caminhar, nesta segunda feira pelas onze da manhã, pelos corredores da FLUL. Os mesmos corredores que há pouco tempo transpiravam um ar fantasmagórico e abandonado estão agora revigorados e, entenda-se, apinhados de gente. Fiquei sobejamente surpreendida e nostálgica. A última vez que testemunhei a vida académica a jorrar pelas costuras deste antigo edifício terá sido no meu primeiro ano de faculdade, quando a boa disposição se aliava à vontade de saber e conhecer. Foi, portanto, desta forma que iniciei o terceiro ano da licenciatura: a recordar o primeiro.

Tendo perfeita noção das voltas que a minha vida já levou desde esse inclassificável primeiro ano, e sabendo que a aula para onde as minhas pernas me levavam esperaria um *eu* mais capacitado, não podia deixar de notar que as escadas de mármore que subia eram as mesmas, assim como o ângulo do sol que me encadeava a face ou até as diversas figuras que por mim passavam; parecia-me um ambiente estranhamente familiar. Todos aqueles mínimos elementos poderiam ter enganado o calendário. Contudo, foi só ao aperceber-me da música que começou a tocar nos meus fones que, por meros segundos, acreditei ter viajado no tempo para Setembro de 2019. As melódicas guitarras e os acordes iniciais não enganam, era *P'ra a frente é que é Lisboa* d'Os Quatro e Meia.

Se tivesse que escolher um verso desta música para resumir os meus primeiros anos de faculdade seria, “ponho o meu melhor sorriso/e aceito o improvisado/que o meu dia vai trazer.” Era esta a frase de abertura do novo parágrafo da minha vida – e que parágrafo! Porém, por muito fácil que seja cantá-la, executá-la foi bem mais complicado: cidade nova, escola nova, colegas novos, rotinas novas e uma pandemia disruptora; tudo me parecia sufocante. Para além disso, a necessidade de planeamento constante estava-se a transformar no foco da minha ansiedade.

As rotinas toda a vida foram uma necessidade basilar do meu bem-estar. Sempre que um pequeno desvio se aproximava era certo e sabido que a minha ansiedade atingia um pico de impossível previsão. No entanto, numa calma e pequena cidade do interior, há pouco de imprevisível e qualquer surpresa é rápida e eficientemente resolvida. A partir do momento em que a minha vida começou a ganhar raízes em Lisboa tive que aceitar que é impossível planear um dia ao seu mais mínimo detalhe por estas bandas. Mas isto só aprendi com o treino a que a própria capital me obrigou: os constantes atrasos por culpa de outrem ou, simplesmente, por culpa geral da cidade que se conduz a si própria; a grandeza desproporcional de tudo o que é edifício e no labirinto em que se torna; o tempo que se devora a si mesmo perante distâncias intermináveis e correrias calculáveis ou, até mesmo, a quantidade ilimitada de escolhas que nos são oferecidas - escolhas que por si só nos condicionam.

Todavia, acima de tudo, tive que me habituar a pessoas novas e ao improvisado que era conhecê-las (sim, não há maior ato de improvisado que este). A verdade é que, nesse ano aprendi a assentir ao inesperado que os meus dias me iriam trazer, não só devido a

todos estes elementos, como também à interminável pandemia. O vírus forçou-nos a todos a improvisar mais do que nunca. No entanto, também foi com ele que aprendemos, particularmente, a não dar tanto valor às situações inopinadas ou a tentar, inutilmente, prevê-las. A própria vida se encarrega de as colocar no nosso caminho, a única coisa a fazer é lidar com elas, sem entrar em pânico e tendo sempre em mente que são temporárias, por muito longas que se tornem.

O meu *eu* de há três anos, a subir aquelas mesmas escadas de mármore e a correr para a aula das oito da manhã, nunca adivinharia que a nossa experiência universitária iria ser das mais atípicas e menos planeadas de sempre. Mas, os versos da canção que abriu e fechou este ciclo já profetizavam – e que grande vidente é a Arte! - o maior imprevisto das nossas vidas e garantiam que a única coisa a fazer seria aceitá-lo, olhar para a frente e continuar, porque é lá que estaria Lisboa e o regresso ao que conhecíamos.

Claúdia Riscado



Voltar

Voltar.

Quando penso em voltar penso em casa. O lugar ao qual anseio sempre criar e regressar.

Penso em braços que me aguardam e em memórias que sei que vão surgir, as melhores são as que aparecem como um sussurro de um vento solitário. Penso também no calor no peito que me aguarda, nas situações que já vivi e espero voltar a viver por estar a regressar. Nas gargalhadas que me esperam, no *stress* do qual sei que nunca vou fugir, na sensação de poder dizer... cheguei!

Hoje voltamos para uma casa. Barulhenta, alegre, que nos deixa ansiosos e revira a nossa barriga em momentos críticos, mas cá estamos nós, a regressar. Hoje completamos mais um ano desde que entramos num novo lar, lar esse cheio de vida.

Hoje volto para as salas que demoro a decorar onde são, para os resumos que me esperam e para os livros que gritam para serem lidos. Volto para professores que prezam a sua arte, mas, acima de tudo, volto para os momentos que querem ser criados e eternizados. Para os risos na esplanada do bar, para as conversas de corredor, para as queixas pela “jola” e pelo café estarem mais caros. No entanto, sempre mais baratos do que uma peça de fruta! Volto para as vozes que chamam felizes e saudosas, para os encontros em “furos” enormes ou só para um “olá” rápido enquanto ando pelos corredores e penso nas folhas de teste que já deveria estar a comprar.

Hoje, como uma filha cheia de saudades, volto, a reclamar, mas a desfrutar. Regresso à casa que criei e para a família que se juntou a mim.

Voltar.

Quando penso em voltar penso em casa. E, neste momento, casa és tu, FLUL.

Winnie Lourenço